



**7º Simpósio de Ensino de Graduação**

**O MOVIMENTO DE UM MILITANTE**

**Autor(es)**

---

JOSIANE ALVETTI

**Co-Autor(es)**

---

CAREM COVOLAN  
CARINA DAS GRAÇAS LOPES  
CARLA GROPPPO CODD  
SÍDIA MARILEY DA ROCHA BASÍLIO VIDIGAL

**Orientador(es)**

---

MARIÁ APARECIDA PELISSARI

**1. Introdução**

---

Um grupo de cinco alunas de Psicologia da Universidade Metodista de Piracicaba visita o Assentamento Milton Santos em Americana/SP no dia 03 de maio de 2009. A realidade encontrada desperta a atenção e curiosidade sobre como as pessoas vivem num lugar tão afastado da cidade, com ruas de terra que cortam um descampado que nos foge ao horizonte se misturando a matos altos, plantações e barracos montados com lona, madeira, telhas e diversos materiais que servem até mesmo como sustentação das paredes, paralelamente salta aos olhos um cartaz até mesmo intrigante: Cinema Sem Terra, todas as quintas as 18:30h - Quarto Filme Tempos Modernos, com pipoca, guaraná e discussão. Busca-se ali, ouvir uma história de vida de um indivíduo pertencente a um diferente segmento da população que tem como possibilidade uma condição muito distante do que se está acostumado a pensar, ou até mesmo, do que a sociedade apresenta enquanto um contexto ideal de sobrevivência.

Este ensaio foi realizado a partir da narrativa do personagem Augusto (nome fictício sugerido pelo próprio sujeito) militante do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), analisada à luz da Teoria da Identidade (Ciampa, 2005) e do Cotidiano (Heller, 1979), com destaque para a memória (Bosi, 1979) e para o discurso (Spink, 1999), considerando a contribuição de Sartre (1972) ao falar sobre o movimento progressivo e regressivo.

**2. Objetivos**

---

Este estudo-prático visa a análise da história de vida de um sujeito através de categorias psicossociais, com ênfase na construção da narrativa, compreendendo o processo identitário face-a-face.

### 3. Desenvolvimento

---

Foram realizados três encontros no próprio Assentamento. No primeiro contato pretendeu-se solicitar a autorização e o consentimento da comunidade assentada para desenvolver o presente estudo, bem como, definir o sujeito a ser entrevistado, local, data e horário. Uma semana depois munidas com os diários de campo (instrumento de coleta e registro de dados) e lápis, as alunas reuniram-se, num barraco cedido por um outro assentado, para ouvir a história de vida do sujeito, um homem de 24 anos envolvido com o MST desde os dez anos de idade. Todas registraram em seus diários alguns disparadores de memória sobre o relato ouvido, para que cada uma produzisse o seu próprio texto. Após, esse encontro, a partir do que foi registrado, a história foi reconstruída, organizada em forma de narrativas e compartilhadas entre o grupo de estudo. A partir disso, optou-se por elaborar uma cédula de campo, isto é, unir as histórias escritas e elaborar uma única narrativa que apresentasse todas as informações coletadas. Feito isso, foi marcado o último encontro, no qual duas alunas apresentaram a devolutiva ao sujeito, onde leram a cédula de campo e inesperadamente coletaram outras informações relevantes para análise. Sendo assim, foi necessário acrescentar os novos dados na cédula de campo para iniciar a análise da narrativa.

### 4. Resultado e Discussão

---

Ao percorrer a história de vida do Augusto fica evidente neste contexto, que ele viveu em meio a conflitos, contradições, negações, afirmações e superações, as quais estão impressas nas suas ações cotidianas, mediadas pela história que se dá num movimento dialético, uma totalidade que implica a afirmação e a negação. Sendo o homem produto e produtor da história.

Metaforicamente o próprio personagem define que: “o movimento (MST) é como uma árvore (...)” e de acordo com a teoria, é possível fazer uma analogia onde a árvore representa o coletivo, enquanto antítese; a semente representa o particular, enquanto tese e a síntese, por sua vez, resulta no indivíduo.

Dessa forma, Augusto objetiva um jovem homem aos 24 anos, voltado para sua vida pessoal, quando destaca o fato de que, hoje, tem uma esposa e uma filha e deve levá-las em consideração ao agir, sendo assim, há um recuo de estar à frente da batalha como militante do MST. Atualmente, ele mesmo se define como “uma formiguinha que vai comendo por dentro do doce”, ou seja, a partir desse recuo surgiu uma nova forma de interpretar o seu papel de militante, agindo discretamente e evitando a exposição.

Ocorreu, portanto, um movimento regressivo, pois no passado Augusto negava sua particularidade, visto que, sua vida era o próprio movimento (MST); entretanto, agora nega o coletivo com sua particularidade, logo está presente a negação da negação. Todavia, vale frisar que Augusto demonstra as marcas que esse pai ainda tem de um militante.

A práxis aparece na história de Augusto em sua decisão de se afastar da militância do MST ao identificar irregularidades nesse meio, se distanciando numa posição de crítica e questionando se o que conhece está sendo aplicado na prática. Então, é como se refletisse a realidade de longe e retornasse àquela situação assumindo um novo papel. A visão crítica que Augusto desenvolveu sobre o movimento (MST) é resultado desse movimento progressivo-regressivo, onde o seu afastamento da realidade proporcionou uma maior reflexão sobre ela e seu modo agir. Segundo Sartre a vida desenvolve-se em espiral.

O movimento da práxis também está presente na sua aprendizagem com a situação que viveu na antiga FEBEM, hoje Fundação Casa, pois Augusto se distancia da realidade que é o sofrimento vivido, reflete, critica e retorna. Ao voltar subjetiva o objetivo, pois no distanciamento do sofrimento, a partir da reflexão conseguiu extrair algo de bom da situação dolorosa e humilhante que viveu, retornando a vida cotidiana sem revoltas, buscando a superação e sublimação.

Na narrativa de Augusto encontram-se características como a Heterogeneidade, Hierarquia, Espontaneidade, Probabilidade, imitação e a Ultra generalização que é inevitável na vida cotidiana e um exemplo particular são os juízos provisórios, porque se antecipam ao possível, e nem sempre encontram confirmação desse juízo na prática e podem se tornar preconceitos quando não se abalam diante de argumentos da razão. O próprio Augusto relata que a sociedade julga o MST de acordo com a visão passada pela mídia de que é um Movimento formado por um bando de vagabundos, marginais e ladrões. A esse julgamento do senso comum podemos contrapor os projetos educativos no interior do MST e mais o nível de cultura que está posto para os assentados. Portanto, em todos os lugares existem pessoas que se comportam e pensam de diversas maneiras, contudo, o todo não pode ser julgado pelos atos de alguns.

Outra característica é a homogeneização em “homem inteiramente”, que para Augusto é elemento necessário de sua essência e da atividade básica de sua vida.

A escolha do Augusto de se tornar um militante do MST, primeiramente está na esfera das Objetivações do para si, porém quando

isso passa a ser seu cotidiano e a fazer parte integral de sua vida, o fato de ser militante torna-se objetivações do em si, objetivações essas que estão presentes na cotidianidade. O mesmo paradoxo acontece, quando se questiona: há quebra no cotidiano de Augusto? A resposta é sim, mas os responsáveis por essa não-cotidianidade não são os imprevistos, pois esses são o seu cotidiano, porém quando ele se depara com a estabilidade, é que ocorre essa quebra.

Augusto, enquanto usuário de droga, foi capaz de julgar conscientemente que seu vício contrapunha a sua luta pela sobrevivência, pois o matava aos poucos e a partir dessa reflexão escolheu lutar sozinho contra ele, consciente de que como o adquiriu sozinho, sozinho se livraria dele. Diante de sua história de vida pode-se compreender que este viveu buscando aprender e apreender novos conhecimentos, a fim de aplicar em sua vida, em sua luta. Sabendo que o indivíduo é simultaneamente ser particular e ser genérico, pode-se ver o Augusto mais próximo do humano-genérico (onde está posto o individual, mas não o individualismo) que do particular, estando este último, relacionado com a consciência de Si, onde a dinâmica básica da particularidade individual humana é a satisfação das necessidades do Eu. Logo, Augusto é produto e expressão de suas relações sociais, pois um representante do humano-genérico não é jamais um homem sozinho, mas sempre a integração, cuja parte consciente é o homem e na qual se forma a sua “consciência de nós”. Então, foi na relação de Augusto com o MST que se formou sua “consciência social”, além de configurar-se também sua própria “consciência do Eu”, cuja colocação não se orienta para o “Eu”, mas para o “nós”.

Durante sua trajetória de militante assíduo, sua particularidade sempre esteve submetida a sua consciência social, sendo o serviço à comunidade, a base das ações do Augusto, onde sua motivação moral tornou-se determinante e seu impulso, sua finalidade e seu objeto instrumentos de elevação ao humano genérico. Porém, em sua vida atual, atuando como pai de família, sua particularidade começa aparecer em sua fala e em suas atitudes, mas a sua consciência em relação ao coletivo impera em ambos os momentos, se não fosse assim, nem “formiguinha ele seria”, o que claramente implica a consciência de classe, sendo esta não necessariamente uma categoria psicológica e sim do âmbito sociológico, no qual a atuação política é expressão máxima de tal consciência, contudo essa atuação só é possível se o indivíduo possuir além da consciência de si, a consciência social, pois a consciência de classe atua no coletivo, onde se tem a mesma condição. Nesse sentido, ao buscar uma reforma agrária e política, Augusto traz em sua militância a Liberdade, a Igualdade e a Vida, enquanto valores guias. Está explícito que a sobrevivência é marcante na vida de Augusto, que sempre teve que batalhar muito para continuar vivo e que sua luta, mais que por um “pedacinho de terra”, almeja uma condição em que todos possam desfrutar de uma situação de igualdade social, levando em consideração a questão da terra, do conhecimento e da liberdade de escolha. Esses carecimentos radicais vindos da filosofia formam a tríplice que proporcionam o humano-genérico.

Augusto para contar a sua história envolve suas experiências, elabora utilizando o recurso da memória evocativa e verbalizada, pois através do discurso dá sentido a ela. Sendo assim quando no início de seu relato diz que contará a sua história resumidamente, enquanto uma estratégia, está demonstrando indícios do quanto valoriza seu discurso e da intensidade com a qual atribui sentidos e ressignificações à sua fala, o que à posteriori é possível verificar que perpassa toda a sua história de vida, a ponto de afirmar que sua arma é a sua língua. Essa afirmativa encontra sustentações em vários momentos, entre eles, ao se nomear como um militante chato, pois fala a verdade como ela é e as pessoas não gostam de ouvir a verdade, ou quando, mesmo apanhando dentro da antiga FEBEM, hoje Fundação Casa, não deixava de dizer o que julgava necessário.

## 5. Considerações Finais

---

No fragmento da história de vida de Augusto identifica-se que a metamorfose de sua identidade já ocorreu, pois ele não tem uma vida conforme a ideologia pressuposta pela sociedade dominante que dita os valores e ideais que regem a vida das pessoas, sua vida não é estática e sim flexível, não há nada de estável. Aos 14 anos de idade, por exemplo, ele passou pela antiga FEBEM, hoje Fundação Casa, onde reflete sobre a realidade e a vê sem máscaras, ao invés de se revoltar, como seria o esperado, não se revolta em nenhum momento, mas leva tudo como aprendizado. Augusto tem um movimento de plasticidade, pois é sua essência, ele vive em alerta constante, o imprevisível faz parte do seu cotidiano, por esse motivo ele não adoce, porque está sempre preparado para o que pode vir a acontecer. Todo dia ele trava uma luta, luta esta pela sobrevivência. Ele procura viver com o necessário para sobreviver, nada mais do que isso, suas necessidades não são alienadas!

Além de metamórfica, sua identidade hoje pode ser definida como pós-convencional, a identidade possível, naquilo em que não é esperado ou tido como não natural. Por exemplo, Augusto afirma que não quer conhecer o seu pai, não quer contato com ele e, principalmente, com o dinheiro dele. Sua vida no assentamento é difícil e nada segura, quando tem comida come, quando não tem, não come e mesmo assim nega, repudia o dinheiro do pai. O seu próprio nascimento se deu num relacionamento fora do matrimônio, da convencionalidade, pois ele mesmo afirma: “Sou fruto de uma traição”. Essas, foram ora exigências sociais, ora escolhas feitas por Augusto, através das quais ele quebrou com o convencional.

Um indivíduo em nível de consciência precisa se opor ao que a sociedade o apresenta e, às vezes, isso pode até trazer um sofrimento,

pois o indivíduo entra em conflito consigo mesmo, o que pode ser considerado bom, porque se começa a questionar o que realmente é necessário e preciso. Já atuar numa instância que esta tomada pela alienação é atuar sem consultar o que realmente eu quero. E a alienação se dá quando o indivíduo não reconhece as contradições existentes entre o modo como a sociedade é produzida e o seu modo de vida. A partir disso surgem as seguintes questões: Augusto é realmente emancipado? Ou ele age de acordo com o que o Movimento dos Sem-Terra e a comunidade dos assentados impõem para ele? É possível viver toda a vida alienado ou consciente do que faz e do que se quer? Em quais momentos se tem a possibilidade de visualizar claramente uma linha divisória entre a consciência e a alienação no relato da história de vida do Augusto? Augusto vive na esfera das objetivações do para si, ou na esfera das objetivações do em si? Ou seriam as objetivações do para si equivalentes as objetivações do em si na vida o Augusto, e as objetivações do em si equivalentes as objetivações do para si? Disso é possível concluir de momento que, o Augusto é o fruto que se abre à novas teses.

## **Referências Bibliográficas**

---

Ciampa, Antônio C. (2005). Livro III In.:A estória do Severino e a História da Severina: um ensaio de Psicologia Social. São Paulo, Brasiliense.

Heller, Agnes. (1979). Estrutura e Dinâmica da Vida Cotidiana e Sobre Preconceitos. In: O Quotidiano e a História. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

Bosi, Ecléa. (1979). Tempo de Lembrar In: Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos. São Paulo, T.A. Queiroz Ed. Ltda.

Spink, M. J. (org) (1999) Práticas Discursivas e produção de sentidos no cotidiano: Aproximações teóricas e metodológicas. São Paulo, Cortez.

Site: [www.scielo.br](http://www.scielo.br)

Link: Revista do departamento de Psicologia U.F.F.

Sartre, J.P. Em defesa dos Intelectuais (1972) Tradução Sérgio Góes de Paula. São Paulo.

Ática, (1994).

## **Anexos**

---

